

Combater a fragmentação, cultivar a solidariedade: *professores do Arizona se organizam durante a pandemia da COVID-19*¹

Countering fragmentation, cultivating solidarity:
Arizona teacher organizing during the COVID-19 pandemic

Combatir la fragmentación, cultivar la solidaridad:
docentes de Arizona se organizan durante la pandemia de COVID-19

 RILEY COLLINS*

Universidade da Califórnia em Santa Cruz, Estados Unidos

RESUMO: Com o objetivo de explorar a interação entre a solidariedade e a fragmentação entre docentes, este artigo utiliza uma lente bifocal crítica para examinar as experiências de seis professores/as mobilizadores/as durante a pandemia. A pesquisa qualitativa se centra na experiência desses/as docentes numa análise iterativa do contexto político e pandêmico, da ação trabalhista e de sua construção discursiva de sentido. Situando suas experiências numa história sociopolítica do contexto trabalhista do Arizona, a pesquisa argumenta que a fragmentação dos/das professores/as se intensificou como resultado da resposta desigual do Estado à pandemia, minando certas possibilidades de ação interdistrital; um senso incorporado de solidariedade e força desenvolvido na participação do movimento *Red for Ed*, de 2018, se estendeu à mobilização docente na pandemia; e esse senso de força incorporado levou professores/as a se engajarem em ações trabalhistas militantes, algumas das quais levaram líderes sindicais relutantes a adotar uma postura mais de oposição. O artigo considera como os movimentos de professores/as moldam seus cenários políticos e trabalhistas, assim como são moldados por eles.

Palavras-chave: Trabalho. Greve. Docente. *Red for Ed*. Covid-19. Pandemia.

* Departamento de Educação, Universidade da Califórnia em Santa Cruz, Santa Cruz, CA, Estados Unidos. E-mail: <riacolli@ucsc.edu>.

ABSTRACT: Exploring the interplay between teacher solidarity and fragmentation in Arizona, this paper uses a critical bifocality lens to examine the experiences of six teacher organisers during the pandemic. This qualitative research centres teacher organisers' experience in an iterative analysis of policy and pandemic context, labour action, and teachers' discursive sense making. Situating teacher organisers' experiences in a socio-political history of Arizona's labour context, the paper contends that teacher fragmentation intensified in summer 2020 as a result of the state's uneven response to the pandemic, which undermined certain possibilities for interdistrict action; an embodied sense of mutuality and power that developed through participation in the 2018 Red for Ed movement carried over to teachers' pandemic organizing; and this embodied sense of power prompted rank and file teachers to engage in militant labour action, some of which compelled reluctant union leaders to embrace a more oppositional approach. The paper considers how teacher movements shape their political and labour landscapes just as they are shaped by them.

Keywords: Labour. Strike. Teacher. Red for Ed. COVID-19. Pandemic.

RESUMEN: Con el fin de explorar la interacción entre la solidaridad y la fragmentación entre los/as docentes, este artículo utiliza una lente crítica bifocal para examinar las experiencias de seis docentes movilizadores/as durante la pandemia. La investigación cualitativa se centra en la experiencia de estos docentes mediante un análisis iterativo del contexto político y pandémico, de la acción laboral y de su construcción discursiva de significado. Situando sus experiencias en una historia sociopolítica del contexto laboral de Arizona, la investigación argumenta que la fragmentación de los/as docentes se ha intensificado como resultado de la respuesta desigual del Estado a la pandemia, socavando ciertas posibilidades de acción interdistrital; un sentido arraigado de solidaridad y fortaleza desarrollado en la participación del movimiento *Red for Ed*, de 2018, se extendió a la movilización docente en la pandemia; y este sentido de fuerza incorporado ha llevado a los docentes a participar en acciones laborales militantes, algunas de las cuales han llevado a los líderes sindicales reacios a adoptar una postura más opositora. El artículo considera cómo los movimientos docentes moldean sus escenarios políticos y laborales, así como son moldeados por ellos.

Palabras clave: Trabajo. Huelga. Docente. *Red for Ed*. COVID-19. Pandemia.

Introdução

Os/As docentes do Arizona se mobilizaram para se opor ao retorno inseguro às aulas presenciais desde o início da pandemia da Covid-19. Entre a primavera de 2020 e o inverno de 2021, eles/elas se organizaram intensamente para garantir condições de trabalho seguras e dignas, incluindo seis greves por motivo de doença em cinco distritos escolares. Essa organização pandêmica ocorreu na sequência do movimento *Red for Ed*, de 2018, quando docentes no Arizona, na Virgínia Ocidental, em Oklahoma, no Kentucky e em outros estados historicamente republicanos lideraram greves por um maior investimento na educação pública (TARLAU, 2023). Poucos esperavam a “revolta impressionante” em 2018 no Arizona e em outros estados do *Red for Ed*, “onde os sindicatos são fracos, os direitos trabalhistas escassos e a política popular considerada de direita” (FRIEDMAN, 2018). Uma análise de 2012 classificou o Arizona como o mais fraco de todos os estados em termos de força sindical dos/das docentes, com base, em parte, em suas leis de “direito do trabalho”, proibições legais de greves no setor público e ausência de mecanismos fortes de negociação coletiva (WINKLER, SCULL & ZEEHANDELAAR, 2012). Décadas de oposição corporativa constante ao movimento sindical no Arizona contribuíram concomitantemente para diminuir o poder dos/das professores/as e restringir o alcance do sindicalismo docente. Mesmo assim, em 2018, eles/elas desafiaram as limitações legais à greve e lideraram uma paralisação de seis dias que fechou as escolas para mais de 75% dos/das estudantes (BLANC, 2019).

A ação coletiva dos/das docente no Arizona ilustra como eles/elas cultivaram a solidariedade entre os membros da base diante da oposição trabalhista, e como essa ação coletiva remodelou o terreno da organização trabalhista. Este artigo explora a interação entre a solidariedade trabalhista e a fragmentação no Arizona, examinando as experiências de seis docentes mobilizadores/as durante a pandemia, constatando que um senso incorporado de mutualidade entre os/as profissionais da educação, desenvolvido por meio da participação nas greves de 2018, se transferiu para o período da Covid-19 e estimulou ações trabalhistas militantes. Os/As docentes de base lideraram os esforços de mobilização e, em alguns casos, obrigaram líderes sindicais relutantes a adotar uma postura mais opositora. Dessa forma, a participação na greve de 2018 foi uma atividade transformadora que criou e demonstrou solidariedade e forneceu a base para uma ação coletiva durante a pandemia.

Contexto trabalhista do Arizona

Os/As docentes do Arizona lideraram a greve de 2018 num momento em que o poder sindical estava num nível historicamente baixo (DYKE & MUCKIAN BATES, 2019) em décadas, e a atividade grevista nacional havia caído para seu segundo ponto mais baixo desde que o

Escritório de Estatísticas Trabalhistas (US Bureau of Labor Statistics) começou a acompanhar as paralisações de trabalho em 1947. A Associação de Educação do Arizona – AEA, afiliada à Associação Nacional de Educação – NEA, representava apenas 25% dos/das docentes do estado e nunca havia liderado uma greve estadual (BLANC, 2019). Décadas de reestruturação neoliberal no Arizona contribuíram para diminuir o financiamento da educação pública, reduzir os salários e benefícios de educadores/as, acelerar a privatização das escolas e enfraquecer os sindicatos docentes. Os gastos com educação pública do Arizona após a Grande Recessão são ilustrativos: após um corte inicial no financiamento devido à redução das receitas fiscais em meio à recessão, a atividade econômica do estado começou a se recuperar. Entre 2008 e 2018, seu PIB ajustado pela inflação cresceu 12% (STATISTA RESEARCH DEPARTMENT, 2023). No entanto, o financiamento ajustado pela inflação por aluno diminuiu 13,6% durante o mesmo período – a quinta maior queda no financiamento por discente entre todos os estados (CENTER ON BUDGET..., 2019). Os/As educadores/as do estado também ficaram em último lugar no ranking de salários de docentes (RAU, 2018). Em 2018, o investimento anual do estado em educação pública era US\$ 1,1 bilhão menor do que seu investimento antes da recessão (BHATTACHARYA *et al.*, 2018).

A influência das empresas sobre a legislação estadual desmobilizou ainda mais os sindicatos docentes. Representantes corporativos/as estabeleceram laços estreitos com legisladores/as do Arizona, inclusive por meio do Conselho Americano de Intercâmbio Legislativo (American Legislative Exchange Council) – ALEC, que posiciona representantes corporativos/as para influenciar a legislação estadual. A legislação influenciada pelo ALEC restringiu as negociações dos/das trabalhadores/as, proibiu o tempo livre para atividades sindicais e bloqueou o débito automático das as deduções sindicais (BALLOTPEDIA, 2022; COMMON CAUSE..., 2013). As greves de trabalhadores/as do setor público não são permitidas no Arizona, e o estado tem sido designado como *right-to-work*² desde 1946. A lei estadual não prevê negociações coletivas, deixando a critério dos distritos escolares a decisão de participarem de “reuniões e conferências” para desenvolverem acordos trabalhistas com sindicatos locais, que não são juridicamente vinculativos e podem ser dissolvidos a qualquer momento (NATIONAL COUNCIL..., 2021; WINKLER, SCULL & ZEEHANDELAAR, 2012).

Na luta pela sobrevivência na era neoliberal os sindicatos buscaram relações mais cooperativas com a administração e adotaram modelos corporativos de gestão. Essa abordagem “sindicalista empresarial” priorizou a sobrevivência sindical de curto prazo, em detrimento dos esforços para construir um poder mais amplo da classe trabalhadora (MOODY, 1997). No âmbito da educação, Ellen Friedman (2018) apontou como os princípios organizacionais neoliberais corroeram a democracia sindical docente a partir da década de 1980, quando as lideranças da Associação Nacional de Educação (National Education Association) – NEA e da Federação Americana de Docentes (American Federation of Teachers – AFT “adotaram princípios fundamentais, como a gestão por

especialistas, salários inflacionados para executivos/as, limites à democracia interna, centralização da tomada de decisões e intolerância à dissidência” (FRIEDMAN, 2018). As filiais estaduais da NEA no Arizona e em outros lugares passaram a operar de maneira burocrática e verticalizada, o que deixou os/as educadores/as sem laços fortes com seus sindicatos (BROOKS, 2018).

As greves de 2018 no Arizona e em outros estados republicanos rejeitaram essa abordagem tacanha do sindicalismo. O mobilizador docente do Arizona Noah Karvelis refletiu: “O movimento do Arizona permitiu que os/as docentes não apenas participassem, mas liderassem” (KARVELIS, 2020). Observar o sucesso dos/das grevistas da Virgínia Ocidental mudou a percepção dos/das docentes do Arizona sobre o que era possível. Como disse um/uma docente do Arizona: “Quando eles/elas fizeram, eu sabia que nós também podíamos” (BHATTACHARYA *et al.*, 2018, p. 127). Os/as professores/as do Arizona iniciaram seu movimento realizando incursões (*walk-ins*) semanais em escolas de todo o estado, vestindo *Red for Ed* (Vermelho pela Educação), durante os quais docentes, discentes, pais e mães se reuniam antes da aula e entravam no prédio da escola em solidariedade (DYKE & MUCKIAN BATES, 2019; 2023). A organização de base Arizona Educators United – AEU, que se desenvolveu a partir de uma página do Facebook para docentes, coordenou a atividade de greve em parceria com o sindicato, mas de forma distinta. A AEU era formada por um grupo central de nove docentes organizadores/as e uma rede de 2.000 “contatos escolares” que assumiram funções de liderança em suas escolas (TARLAU, 2023). Uma liderança da AEU refletiu: “Os/as docentes são os/as motoristas deste ônibus, estamos conduzindo a luta. Mas o sindicato atua ao nosso lado e realmente tem nos apoiado” (BHATTA-CHARYA *et al.*, 2018, p. 131). Em abril de 2018 os/as professores/as fizeram uma greve de seis dias para exigir salários mais altos, turmas menores e mais financiamento para a educação pública (CARRILLO, 2023).

Após o aumento das ações coletivas, o panorama trabalhista do Arizona mudou: o número de membros dos sindicatos docentes aumentou 10,3%, os gastos com educação pública, ajustados pela inflação, aumentaram constantemente e os/as docentes desenvolveram redes e formas de organização duradouras (ARIZONA AUDITOR GENERAL, 2023; BLANC, 2020). O estudo detalhado neste artigo analisa como as capacidades desenvolvidas no movimento de 2018 continuaram a moldar os esforços de organização durante a pandemia, através de uma análise aprofundada da experiência de seis docentes mobilizadores/as.

Solidariedade e fragmentação

Lesley Gill observou que “a solidariedade é um conceito frequentemente evocado, mas raramente analisado” (GILL, 2009, p. 667) dos movimentos trabalhistas, e postulou que a solidariedade e a fragmentação são “parte do mesmo processo” (GILL, 2009, p.

668). Este estudo define a fragmentação dos/das docentes como um processo contínuo resultante: a) da oposição corporativa e política ao trabalho organizado e b) das abordagens sindicalistas empresariais que excluem a participação dos/das docentes nos processos de tomada de decisão dentro dos sindicatos. A solidariedade dos/ads docentes, por sua vez, se desenvolve a partir do sindicalismo democrático liderado pela base, no qual assumem a responsabilidade pela estratégia e direção da organização do trabalho.

Essa concepção de solidariedade entre docentes está alinhada com a noção de “sindicalismo solidário” de Erin Dyke e Brendan Muckian Bates (2019), que “sugere que os/as trabalhadores/as construam poder coletivo determinando suas próprias questões, demandas e ações por meio de processos democráticos de tomada de decisão e participação” (DYKE & BATES, 2019, p. 7). O sindicalismo solidário existe em tensão com o sindicalismo empresarial e envolve a retenção criativa da mão de obra — seja ela legal ou não — em contraste com a ênfase do sindicalismo empresarial nos limites legais. Dyke e Muckian Bates (2019) enquadram o ressurgimento da militância docente no âmbito da ascensão desse sindicalismo solidário.

Este estudo se baseia no conceito de “culturas de solidariedade” de Rick Fantasia (1989). O autor introduziu a ideia como um “revestimento social para a expressão da solidariedade da classe trabalhadora” (FANTASIA, 1989, p. 25), que incorpora valores, práticas e arranjos institucionais. Ao fazer isso, vinculou o conceito de consciência de classe com expressões de solidariedade, numa tentativa de “libertar a noção de consciência de classe dos laços puramente ideológicos e atitudinais pelos quais ela tem sido acorrentada” (FANTASIA, 1989, p. 17). A solidariedade não é um fato a priori, mas se desenvolve entre os/as trabalhadores/as como resultado de confrontos com a autoridade (FANTASIA, 1989, p. 88). A formação de sindicatos, greves e de grupos insurgentes de base são, portanto, atividades que podem criar e expressar solidariedade simultaneamente. Essa concepção de solidariedade é considerada no caso empírico da organização docente no Arizona durante a pandemia.

As manifestações de solidariedade dos membros de base revelam uma tensão entre os/as trabalhadores/as e a liderança sindical. O papel dos/das líderes sindicais de garantir a força e a sobrevivência do sindicato tende a orientá-los/las para um conjunto de prioridades diferente daquele dos/das outros/as trabalhadores/as, conforme exposto por Richard Hyman:

Aqueles/as que ocupam cargos oficiais nos sindicatos têm uma responsabilidade direta pela segurança e sobrevivência de sua organização, um papel que incentiva uma abordagem cautelosa em relação às políticas [...] isso provavelmente acarreta resistência a objetivos ou formas de ação que contrariam excessivamente os/as empregadores/as ou o Estado e, portanto, trazem o risco de um confronto violento (HYMAN, 1989, p. 150).

Dentro dos sindicatos docentes a responsabilidade da liderança sindical de proteger os interesses do sindicato pode gerar uma relutância em abraçar formas oposicionistas de organização dos/das professores/as. Isso representa um risco particular quando os/as educadores/as são excluídos/as dos processos de tomada de decisão dentro do sindicato.

De fato, à medida que os sindicatos de docentes se tornaram mais burocráticos e menos democráticos, a liderança sindical “tendeu a empurrar os/as docentes para ações menos confrontadoras e mais simbólicas” (BHATTACHARYA *et al.*, 2018, p. 132). Isso ajuda a explicar por que a greve de 2018 no Arizona se organizou em torno do grupo de base Arizona Educators United, embora o grupo colaborasse estreitamente com o sindicato. Apesar dessas tensões, Rebecca Tarlau (2023) destacou o importante papel que o sindicato desempenhou durante o movimento *Red for Ed*, fornecendo infraestrutura, recursos e capacidade de coordenação. Ela afirma que “a infraestrutura fornecida pelos sindicatos para organizar, conectar e legitimar as ações dos/das docentes foi fundamental para a coordenação da greve” (TARLAU, 2023, p. 834). Essa relação complexa, controversa, mas interdependente entre o sindicato e a organização docente de base fica evidente neste estudo sobre sua organização durante a pandemia. Esta análise considera o duplo papel dos sindicatos docentes do Arizona, o de legitimar e o de inibir a militância dos/das professores/as.

A solidariedade e a fragmentação estão sempre em movimento à medida que os/as docentes lutam para combater seu isolamento e vulnerabilidade, envolvendo-se em ações coletivas democráticas. Gill (2009) argumenta que “a solidariedade surge da necessidade de combater a fragmentação social criada pelo desenvolvimento do capitalismo, através do estabelecimento de relações de confiança e mutualidade” (GILL, 2009, p. 668). Este estudo explora como os/as docentes trabalharam para cultivar a solidariedade e combater a fragmentação durante a pandemia.

Materiais e métodos

O desenho da pesquisa foi baseado na noção de *bifocalidade crítica* de Lois Weis e Michelle Fine (2004, 2012), que convida os/as pesquisadores/as a prestarem atenção tanto às estruturas quanto às vidas por meio de um desenho de pesquisa entrelaçado. Weis e Fine explicam que a bifocalidade crítica nos permite considerar:

como os/as pesquisadores/as podem explicar empiricamente as transformações globais, nacionais e locais insinuadas, incorporadas e resistidas por jovens e adultos que tentam compreender as possibilidades educacionais e econômicas atuais em contextos em grande mudança (WEIS & FINE, 2012, p. 173)

Elas defendem que embora as estruturas produzam vidas, as vidas também produzem, contestam e reproduzem essas mesmas estruturas. A abordagem das autoras se baseia na metáfora epistemológica da *oscilação* (ALFORD, 1998; DELEUZE, 1992; FARMER, 1999; HITCHCOCK, 1999), que é um movimento deliberado entre a teoria “nas nuvens” e os materiais empíricos “no chão”. Esse compromisso com um projeto bifocal permite que pesquisadores/as documentem ao mesmo tempo “as ligações e capilaridades dos

arranjos estruturais nas práticas discursivas pelas quais as pessoas dão sentido às suas circunstâncias” (WEIS & FINE, 2012, p. 3). A construção de sentido é central para essa abordagem como uma forma de explorar práticas discursivas que as pessoas usam para compreender e moldar os contextos em que vivem.

Utilizando a bifocalidade crítica, os processos sociais, as circunstâncias materiais e os fatores estruturais que incentivaram e inibiram a ação coletiva durante a pandemia no Arizona foram examinados na perspectiva dos/das docentes, a fim de desenvolver uma compreensão da solidariedade a partir dos contextos locais dos/das participantes.

Entre fevereiro e abril de 2021 foram realizadas entrevistas qualitativas semiestruturadas e aprofundadas com seis docentes organizadores/as estaduais e locais. Os/As participantes foram selecionados/as por meio de amostragem intencional para incluir docentes que lideraram esforços de organização durante a pandemia em nível local e estadual (ROBINSON, 2014). Entrei em contato com os/as participantes por e-mail, compartilhando informações sobre minha formação como estudante de doutorado na UC Santa Cruz e organizadora do UAW 2865, nosso sindicato de discentes de pós-graduação.

Conforme apresentado na Tabela 1, os/as participantes do estudo incluíram duas mobilizadoras estaduais e quatro mobilizadores/as locais. Cinco são organizadores/as da Associação de Educação do Arizona (Arizona Educator Association) – AEA e dois/duas são organizadores/as do grupo de base Arizona Educators United – AEU, que se desenvolveu durante o movimento *Red for Ed*. Cinco dos/das participantes também são docentes, trabalhando em distritos escolares diferentes.

Tabela 1 Participantes do estudo

Nome do/da mobilizador/a (Pseudônimo)	Distrito do/a mobilizador/a (Pseudônimo)	Função do/da mobilizador/a
Karl	Greendale	Líder local da AEA e professor
Sarah	Plummer	Líder local AEA e professora
Anthony	Jefferson	Formador local, Líder local da AEA e professor
Lucas	Avedon	Organizador de grupo comunitário da AEU, líder local AEA e professor
Monica	N/A	Líder estadual da AEA
Kat	Jordan	Líder estadual da AEU e professora

As entrevistas duraram entre uma hora e meia e duas horas cada, e os dados foram corroborados por registros e documentos disponíveis publicamente, incluindo gravações de reuniões de conselhos, boletins de comunicação dos sindicatos e documentos instrucionais dos distritos.

A análise dos dados foi orientada pelo método comparativo constante da teoria fundamentada (CORBIN & STRAUSS, 2008), que envolveu três rodadas de codificação aberta, axial e seletiva. Os dados foram codificados no software Dedoose. Durante as duas rodadas iniciais de codificação foram identificados 12 códigos raiz e 42 códigos derivados; em seguida foram estabelecidas relações e desenvolvidas categorias centrais na rodada final de codificação. Os dados foram examinados por meio da abordagem da teoria fundamentada de Juliet Corbin e Anselm Strauss (2008), que facilita o uso deliberado de dados teóricos. A redação consistente de memorandos, ao longo do processo de coleta e análise, explorou como os dados se alinhavam com ou divergiam das concepções de solidariedade trabalhista.

Combatendo a fragmentação, cultivando solidariedade

As experiências dos/das docentes mobilizadores/as do Arizona durante a pandemia revelaram três temas relacionados com a interação entre a solidariedade e a fragmentação dos/das professores/as. Em primeiro lugar, sua fragmentação se intensificou no verão de 2020, como resultado da resposta desigual do estado à pandemia. Eles/elas se depararam com planos de reabertura das escolas drasticamente diferentes, o que prejudicou certas possibilidades de ação interdistrital. No entanto, em segundo lugar, um senso incorporado de mutualidade e força se desenvolveu na participação no movimento *Red for Ed* e se estendeu ao período da pandemia.

Dessa forma, a participação na greve foi uma atividade transformadora que criou e demonstrou solidariedade de forma conjunta. Em terceiro lugar, esse sentimento de força levou os/as docentes a se engajarem em ações trabalhistas militantes, incluindo paralisações. Em alguns casos, a militância de base obrigou as lideranças sindicais relutantes a adotarem uma postura mais contestatória. A seguir, exploramos esses temas, antes de examinar mais de perto a mobilização docente em três distritos escolares.

Combatendo a fragmentação

As mobilizações de 2018 do *Red for Ed* manifestaram um impressionante grau de poder coletivo, mas construir essa solidariedade em todo o estado no verão de 2020 foi difícil, em parte devido aos planos divergentes de reabertura das escolas. A autoridade para tomar decisões sobre a reabertura das escolas em 2020-2021 foi transferida para o nível local. Kat, mobilizadora do grupo de base AEU, observou: “O governador jogou [as decisões sobre a reabertura] para os conselhos administrativos. O conselho administrativo repassou para os/as superintendentes/as”. Os distritos cujos conselhos escolares se opunham firmemente ao ensino remoto — o que tendia a ocorrer em distritos com sindicatos de docentes mais fracos e climas políticos

mais conservadores — declararam sua intenção de abrir o ano letivo de 2020-2021 de maneira totalmente presencial no início do verão. Enquanto isso, distritos com sindicatos de docentes mais fortes declararam desde o início que abririam remotamente. Anthony, um líder sindical local, explicou: “A maioria das escolas com sindicatos fortes já não iria abrir. Algumas delas não abriram no primeiro trimestre... os distritos com sindicatos fortes conseguiram isso”.

Kat relacionou esse desafio organizacional com a intenção do estado de minar a solidariedade dos/das trabalhadores/as:

“Nosso plano era pressionar continuamente [os conselhos escolares] e tornar isso público. Quem está conosco, quem não está. E essa foi a coisa mais difícil que já fiz. Mal conseguimos exercer pressão. E era como se perguntássemos: por que isso não está funcionando? E era porque havia muita divisão [...] [O estado] começou a trazer as pessoas de volta em pequenos grupos, nos dividindo”.

Em setembro de 2020, 18% dos distritos escolares do Arizona estavam funcionando de maneira totalmente presencial; esse número subiu para 62% em dezembro de 2020 (BURBIO SCHOOL TRACKER INDEX, 2023). Os/As docentes dos distritos com ensino remoto centraram seus esforços de mobilização em objetivos diferentes daqueles com ensino presencial. Monica, uma líder sindical estadual, lembrou:

Isso realmente dificultou a organização estadual em torno da questão, porque as pessoas estão trabalhando muito e [...] eu tenho que dar notas às minhas turmas, tenho que alimentar meus filhos, tenho que me manter segura e cuidar da minha mãe e — espere, você quer que eu faça o quê [pelos distritos que planejam reabrir as aulas presenciais]? [...] Então, acho que foi difícil de maneira geral conseguir que todos entrassem em acordo.

Essas prioridades divergentes diminuíram as possibilidades de solidariedade entre os distritos.

Cultivando a solidariedade

Apesar dessas fraturas, os/as docentes expressaram como a sensação de poder cultivada durante o movimento *Red for Ed* persistiu durante a pandemia. Eles/Elas enfatizaram a sensação de “*experimentar*” e “*sentir*” a agência coletiva. Enquanto antes de 2018, segundo Monica, “*havia muitas pessoas que não sentiam poder*”, a greve alterou seu senso coletivo sobre o que era possível. Kat refletiu:

“Acho que [Red for Ed] realmente mudou a forma como os/as docentes veem a si próprios/as como educadores/as. E o que podem ou deveriam ou não podem fazer, você sabe, como eu tenho dignidade, eu posso fazer algo a respeito. Eu estou empoderada agora porque senti poder antes”.

Essa sensação de poder e capacidade se desenvolveu através da participação em atividades de greve. Kat recordou:

“Eu passei de nem saber que éramos os últimos [em salários de docentes] no país para [...] eu podia usar uma camiseta vermelha. OK, agora posso organizar as pessoas para uma greve por motivo de saúde, vou escrever um comunicado à imprensa e vou marcar a mídia no Twitter”.

Sarah descreveu seu envolvimento em 2018 de maneira semelhante — enquanto antes da greve ela não estava envolvida na organização sindical, sua participação numa série crescente de ações a levou ao seu cargo atual como presidente do sindicato local:

“Em 2018, meu irmão me adicionou ao grupo do Facebook da Arizona Educators United, e eles disseram lá que, se você quisesse ser o/a... representante do site para sua escola, então preencha este formulário... E eu criei um chat para as pessoas que eu sabia que já tinham começado a se inscrever para serem representantes em [outros distritos escolares] e isso começou a crescer a partir daí. Nos reunimos num McDonald’s e decidimos que todos deveríamos usar roupas vermelhas numa manifestação do distrito... Então foi o que fizemos. Convidamos a imprensa. Foi algo enorme, com helicópteros sobrevoando [...] E então sentimos que necessário haver algum tipo de liderança, com tantos/as representantes diferentes e tudo mais. Então, naturalmente, acabei assumindo essa função”.

A reflexão de Sarah revela como ela “caiu” num maior envolvimento e liderança por meio da participação num conjunto contínuo de ações. Sua orientação política em si não a levou a se envolver na organização sindical. Em vez disso, a própria participação na ação coletiva motivou uma maior participação. A participação na greve foi, portanto, uma atividade transformadora que tanto criou como demonstrou solidariedade. As mobilizações de 2018 refletiram e estimularam a militância dos/das docentes e prepararam o terreno para sua organização durante a pandemia.

Militância de base e resposta das lideranças sindicais

Esse sentimento de mutualidade levou os/as docentes de base a se engajarem em ações trabalhistas militantes durante a Covid-19, o que, por vezes, os/as colocou em desacordo com a estratégia formal do sindicato. No inverno de 2021, os/as docentes do Arizona organizaram seis greves por motivo de doença em cinco distritos escolares (ver Tabela 2). Três dessas seis greves foram lideradas por docentes de base, sem qualquer apoio do sindicato, conforme indicado na coluna D — embora num desses três casos o sindicato tenha dado seu apoio na última hora, conforme detalhado mais adiante.

Tabela 2: Greves docentes por motivos de saúde no Arizona durante a pandemia de COVID-19

Distrito escolar (Pseudônimo)	Contexto do distrito	Data	Organizado por	Participantes docentes
Greendale	Rural	Agosto de 2020	Sindicato local	109
Plummer	Suburbano	Dezembro de 2020	Membros de base*	100
Plummer	Suburbano	Janeiro de 2021	Membros de base **	N/A ***
Lawnberg	Suburbano	Janeiro de 2021	Membros de base*	150
Asbury	Suburbano	Janeiro de 2021	Sindicato local	140
Davis	Suburbano	Janeiro de 2021	Sindicato local	623

Observação: *As ações trabalhistas não foram endossadas pelo sindicato.

**A ação trabalhista foi endossada pelo sindicato pouco antes da greve planejada por motivo de doença.

***O conselho escolar reverteu a política na véspera da greve planejada por motivo de doença.

Alguns/Algumas participantes refletiram sobre a posição limitada das lideranças sindicais. Karl, presidente do seu sindicato local, refletiu sobre os desafios do sindicato em navegar no contexto estadual: *“Temos que ter cuidado com as greves no Arizona por causa das leis. Formalizar uma greve poderia prejudicar o sindicato, não apenas no nosso distrito, mas em todo o estado”*. Lucas, outro líder de sindicato local, explicou ainda como a estrutura de negociação no Arizona enfraquece a militância entre os/as dirigentes sindicais, porque as relações de reunião e conferência podem ser rescindidas pelo distrito a qualquer momento. *“É uma dança muito estranha porque... você está tentando convencer a administração central e o conselho, em última instância, de que a relação [de negociação] é válida e que eles precisam mantê-la”*.

Em alguns casos, a organização de base rompeu com a liderança sindical e obrigou os/as líderes sindicais a adotarem uma abordagem mais militante. Em outros casos, a liderança local estava em sintonia com os/as docentes de base. A seção a seguir analisa de perto a organização dos/das docentes em três distritos escolares, oferecendo três variações de como a interação entre solidariedade e fragmentação moldou a organização de base, a resposta sindical e a ação militante.

Cessação criativa do trabalho: Distrito Escolar de Greendale

No distrito escolar de Greendale os/as docentes adotaram formas contestatórias de organização trabalhista durante a pandemia que teriam sido inconcebíveis antes do movimento *Red for Ed*. Karl, presidente do Sindicato Docente de Greendale, explicou que a atividade sindical dos/das docentes em seu distrito rural sempre foi baixa: “[Antes de

2018], *tínhamos um sindicato com cerca de 75 membros num distrito com mais de 400 funcionários/as*". Como resultado, ele não esperava uma grande participação na greve de 2018 dentro de sua comunidade escolar *"profundamente conservadora"*: *"Acho que, nos preparativos para o Red for Ed, fiquei bastante surpreso com a participação... E isso ultrapassou as linhas partidárias"*. Ele recordou:

"Sabe, eu até tinha uma colega que era uma cristã muito conservadora. E por isso ela não fazia greve. Ela nunca desafiaria a autoridade porque interpreta aquele versículo muito literalmente – 'dai a César o que é de César e ao Senhor o que é do Senhor' – mas mesmo ela estava ativamente envolvida".

E concluiu: *"O movimento Red for Ed foi o que nos consolidou, nos deu base, nos deu saúde e injetou aquele nível de energia e existência"*, e essa energia mobilizadora se manteve durante a pandemia.

Os/As docentes de Greendale começaram a discutir suas opções para a reabertura das escolas no outono de 2020 durante o verão, à medida que o medo e a incerteza sobre a pandemia da Covid-19 aumentavam. *"À medida que as mortes começaram a se aproximar e a atingir pessoas conhecidas, ficou ainda mais assustador"*, lembrou Karl, especialmente devido a alta média de idade e existência de comorbidades entre os/as docentes de Greendale. E continuou: *"Nosso número de membros [do sindicato] quadruplicou durante a pandemia devido ao desenrolar dos acontecimentos. Todos/as estavam apavorados/as e precisavam de uma voz"*.

Durante o verão de 2020 a liderança do sindicato local considerou a possibilidade de convocar uma greve não autorizada. *"Eu disse... podemos decidir não ir trabalhar"*. No entanto, ele previu que o medo dos/das docentes de sofrerem retaliações por desafiar a legislação trabalhista impediria sua participação. *"Eu disse... isso não vai funcionar no nosso distrito porque muitas pessoas estão apavoradas"*. Ainda assim, os/as docentes decidiram que não poderiam retornar às aulas presenciais sem proteções:

"À medida que nos aproximávamos e eles/elas falavam sobre a reabertura... não tínhamos nenhum material para nos proteger, não tínhamos mesas suficientes, não tínhamos os EPIs necessários... [eles/elas nos diziam] 'está encomendado, está encomendado'. Isso não era suficiente".

Centenas de docentes começaram a se reunir pelo Zoom à medida que o verão avançava, para discutir possibilidades de intensificar suas ações. Em agosto de 2020 decidiram organizar uma greve por motivo de doença, aproveitando uma lei relacionada à Covid-19 que garantia licença médica por exposição ao vírus. Karl explicou:

"Quando descobrimos a Lei de Licença Médica e como poderíamos usá-la... explicamos isso aos/as outros/as docentes, dizendo: 'Olhem, é isso que o governo federal diz. Vocês têm direito a esse número de dias se acharem que foram expostos/as [à Covid] ou se estiverem aguardando o resultado de um teste'. Então, decidimos usar essa lei".

A (*The Families First Coronavirus Response Act*) exigiu que os distritos escolares concedessem licença médica remunerada aos/as funcionários/as “que apresentassem sintomas da Covid-19 e [...] procurassem um diagnóstico médico” (DEPARTMENT OF LABOR, 2020). Os/As docentes que se ausentaram por motivo de doença enquanto aguardavam os resultados dos seus testes tiveram garantido o pagamento, que não poderia ser deduzido do seu saldo de licenças médicas. A garantia de pagamento e a proteção da licença médica foram fatores críticos para convencer os/as docentes hesitantes a participarem. Numa reunião sindical no final do verão de 2020, com centenas de educadores/as do distrito presentes via Zoom, o grupo decidiu recorrer às disposições dessa lei para organizar uma greve por motivo de doença e pressionar o distrito escolar a abrir remotamente. Pouco antes da reabertura presencial do distrito em agosto de 2020, 109 dos 600 docentes e outros/as funcionários/as do distrito fizeram o teste para Covid-19 e se ausentaram por motivo de doença.

A estratégia deu certo: dias depois, o conselho escolar votou pela reversão da decisão anterior de reabrir as escolas e prolongou o ensino virtual por duas semanas, justamente quando os casos de Covid-19 atingiam o pico na região.

Influência da militância de base na liderança sindical: Distrito Escolar de Plummer

No distrito escolar de Plummer a organização dos/das docentes de base obrigou as lideranças sindicais relutantes a adotar formas de ação mais militantes durante a pandemia. Os/As docentes de Plummer estiveram na vanguarda dos esforços de organização do *Red for Ed* em todo o estado, e todas as escolas do distrito participaram do movimento. No início da pandemia, esses/as docentes recorreram às redes de base formadas em 2018 e começaram a pressionar por ações diretas disruptivas para exigir a reabertura segura das escolas. O sindicato docente hesitou em adotar essa postura de oposição por medo de uma reação negativa da administração do distrito. A presidenta do sindicato local, Sarah, explicou que ela e outros/as líderes sindicais temiam que “as ações [sindicais] que tomássemos [tivessem] um impacto negativo em nossa escola”, dado o clima político do distrito, que se envolve em “reuniões e conferências”, mas esses acordos são frágeis, pois o distrito pode optar por se afastar do relacionamento a qualquer momento. A fim de manter a relação de negociação durante a pandemia, Sarah afirmou: “Nos distanciamos de qualquer uma dessas caravanas de carros [protestos] e coisas do tipo”. No verão, uma fissura estava crescendo entre os/as docentes de base e a liderança do sindicato local.

No inverno de 2020, a organização dos/das docentes rompeu completamente com o sindicato local. O distrito permaneceu firmemente comprometido com o ensino presencial enquanto os casos de Covid disparavam e a indignação dos/das docentes atingia o auge. Em dezembro, os/as docentes decidiram organizar uma greve sem o apoio do sindicato local; mais de cem funcionários/as faltaram ao trabalho por um único dia. O sindicato docente de Plummer temia que essa atitude contestatória tivesse um efeito contrário ao desejado e desencorajou a ação, embora se comprometesse a proteger os empregos dos/das docentes. Os/as docentes

participantes não enfrentaram medidas disciplinares pela ação de dezembro, mas o distrito tampouco mudou sua decisão de manter as aulas presenciais. O impulso para uma greve prolongada a partir do início de janeiro cresceu durante as férias de inverno. O sindicato local continuou a adotar uma postura neutra e a evitar apoiar a ação.

No início de janeiro a mídia informou erroneamente que o sindicato havia sancionado a greve por motivo de doença. O sindicato tinha entrevistado 1.200 docentes durante as férias de inverno e relatou que a maioria não se sentia confortável em retornar ao trabalho e queria que o distrito escolar mudasse para o ensino remoto nas duas primeiras semanas do semestre. A mídia interpretou erroneamente a publicação dos resultados da pesquisa pelo sindicato como um apoio à paralisação. Sarah lembrou: *“Isso mudou totalmente a situação e, de repente, a atenção da mídia pressionou o distrito”*. Foi nesse momento que “[o sindicato] simplesmente aceitou” e anunciou seu apoio à greve por motivo de doença. A partir daí, a ação trabalhista não era mais distinta do sindicato.

O conselho escolar entrou em ação e marcou uma reunião na noite anterior ao início da greve para discutir a possibilidade de abrir remotamente. Na reunião, o conselho votou pelo retorno ao ensino à distância durante as duas primeiras semanas do semestre de inverno, enquanto os casos de Covid-19 estavam no auge. A ação trabalhista dos/das docentes fez com que o distrito mudasse seu curso de ação. O sindicato desempenhou, assim, um papel duplo: inicialmente as tentativas dos/das líderes sindicais de inibir a ação trabalhista empurraram os esforços de organização dos/das docentes para fora dos canais formais do sindicato. No entanto, no final, o apoio do sindicato à greve por motivo de doença legitimou a ação e lhe deu força. A organização dos/das docentes pressionou o conselho escolar a mudar suas políticas e deixou o sindicato sem outra escolha, a não ser seguir o caminho que os/as docentes de base tinham traçado.

Demissão por princípio: Distrito Escolar de Jefferson

No Distrito Escolar de Jefferson os/as docentes enfrentaram limitações para se organizar, num ambiente de trabalho hostil. Anthony, presidente do sindicato docente, descreveu um clima de trabalho particularmente difícil em seu distrito. Antes do movimento *Red for Ed*, o sindicato estava quase completamente inativo:

“A liderança do nosso distrito não estava nem um pouco interessada em nós. Não tínhamos reuniões nem conferências. As pessoas que participavam do sindicato eram basicamente colocadas na lista negra para promoções dentro do distrito, então não era algo muito importante dentro do distrito”.

O movimento *Red for Ed* mobilizou docentes em todos os distritos, mas os/as de Jefferson enfrentaram ameaças mais severas do que em outros lugares por participarem da greve. Em contraste com as dezenas de conselhos escolares e superintendentes do Arizona que se manifestaram em apoio ao movimento *Red for Ed*, o superintendente de

Jefferson enviou uma carta a pais e mães, em 2018, criticando os planos de greve, a fim de esfriar os esforços de mobilização docente. Esse clima se estendeu durante a pandemia, já que o conselho escolar de Jefferson, cuja postura Anthony caracterizou como *“anti-educação pública”*, previsivelmente se opôs às medidas apoiadas pelo sindicato. No início de julho de 2020 o distrito anunciou que as escolas abririam presencialmente, e os/as docentes tinham apenas uma semana para decidir se desejavam se demitir no outono ou se sujeitarem a uma penalidade financeira de quase US\$ 2.000 e a suspensão de sua licença de ensino. O distrito havia compartilhado recentemente seu plano para a reabertura das escolas: *“E não era nada. Era — estamos dando lenços Clorox para as pessoas. Esse era o plano deles”*. Um dia depois, Anthony criou uma petição assinada por 700 funcionários/as, afirmando que *“embora não queiram se demitir, [os/as docentes] se opõem veementemente a um plano de reabertura que os colocaria em risco deliberadamente, assim como a seus alunos e sua comunidade”*, o que atraiu a atenção da mídia e foi seguido por uma reversão da política de uso de máscara do distrito. O conselho escolar, no entanto, permaneceu firmemente comprometido com a reabertura totalmente presencial no outono de 2021, apesar do aumento dos casos de Covid-19.

Anthony e seus colegas de trabalho achavam que os/as docentes do Distrito Escolar de Jefferson não tinham influência suficiente para mudar a posição do conselho escolar por conta própria. Em vez disso, considerou a possibilidade de uma ação solidária em todo o estado. *“Eu tinha... levantado em [reuniões sindicais estaduais] muito antes a ideia de que precisávamos entrar em greve e dizer que não faríamos isso a menos que diretrizes científicas básicas fossem exigidas para as escolas”*. Ele afirmou: *“Não há muito que possamos fazer além de seguir uma linha mais radical do Red for Ed e entrar numa greve estadual total”*. E explicou por que os/as docentes de Jefferson não acreditavam que uma greve limitada ao seu distrito seria bem-sucedida:

“Para o nosso distrito, no final das contas, você precisa convencer o conselho escolar ou precisa de uma parte grande o suficiente do público pressionando-os para que mudem de ideia. É realmente isso que importa... E nós não tínhamos isso. Simplesmente não tínhamos”.

Fez uma pausa e continuou: *“Então, todos/as se demitiram”*.

Quando ficou claro que o distrito implementaria o ensino totalmente presencial sem dar muita atenção às precauções de segurança, Anthony e um grande número de outros/as docentes da Jefferson deixaram seus cargos, num ato de demissão por princípio. Na ausência de uma greve mais ampla, os/as docentes de Jefferson sentiram que não poderiam exercer pressão suficiente sobre o conselho escolar para reverter sua política. No total, 43 professores/as — representando 7% dos/das docentes — apresentaram sua carta de demissão em agosto de 2020.

Considerações finais

A bifocalidade crítica exige um foco nos *locais de possibilidade* para imaginar onde se encontram os espaços de resistência, agência e possibilidade. Antes de 2018, poucas possibilidades eram imaginadas para ações trabalhistas militantes entre os/as docentes do Arizona. Os/As seis docentes mobilizadores/as deste estudo demonstram como a participação na greve de 2018 foi um processo transformador, que lançou as bases para a ação coletiva durante a pandemia. Apesar da fragmentação acentuada causada pela resposta política desigual do estado à pandemia, um senso incorporado de mutualidade, que se desenvolveu por meio do movimento *Red for Ed*, levou os/as docentes a se engajarem em ações trabalhistas militantes, incluindo paralisações nos distritos escolares de Greendale e Plummer e ao gesto de demissão por princípio no distrito escolar de Jefferson. Os/As docentes promulgaram o “sindicalismo solidário” ao determinarem suas próprias demandas e ações, que às vezes diferiam daquelas da liderança sindical formal. Suas experiências ilustram a relação entrelaçada e recíproca entre a organização de base, a estratégia sindical formal e a resposta política.

Kat descreveu como o movimento *Red for Ed* promoveu uma mentalidade militante que se estendeu muito além do fim da greve:

“Imagine se a Covid tivesse surgido e nunca tivéssemos tido o Red for Ed. Estaríamos onde estamos agora? Acho que não. Acho que as pessoas não estariam pensando em organizar greves por motivo de doença em dez distritos em todo o estado. Nem sei se isso teria acontecido. Certo? Então, quando você percebe o poder e experimenta o poder, ele permanece com você”.

Os/As docentes do Arizona levaram adiante esse senso incorporado de poder e mutualidade, demonstrando como os movimentos de professores/as moldam seus cenários políticos e trabalhistas, assim como são moldados por eles.

Notas

- 1 Artigo originalmente publicado com o título *Countering fragmentation, cultivating solidarity: Arizona teacher organizing during the COVID-19 pandemic*, Riley Collins, em *Globalisation, Societies & Education* (Vol 23, Issue 1, 2025). Reproduzido com permissão de Informa UK Limited, que opera como *Taylor & Francis Group*: <https://www.tandfonline.com>. Tradução realizada por Adriano Mafra, Giovana Bleyer Ferreira dos Santos e Patrícia Rodrigues Costa.
- 2 O que significa que os/as trabalhadores/as no Arizona não são obrigados/as a se filiar a sindicatos [N.T.].

Referências

- ALFORD, R. 1998. *The Craft of Inquiry: Theories, Methods, Evidence*. London: Oxford University Press.
- ARIZONA AUDITOR GENERAL. 2023. *School District Spending Analysis-Fiscal Year 2022*. Retrieved from <https://sdspending.azauditor.gov/>.
- BALLOTPEDIA. 2022. Public-Sector Union Policy in Arizona. https://ballotpedia.org/Public-sector_union_policy_in_Arizona.
- BHATTACHARYA, T., E. Blanc, K. D. Griffiths, and L. Weiner. 2018. "Return of the Strike: A Forum on the Teachers' Rebellion in the United States." *Historical Materialism* 26 (4): 119-163. <https://doi.org/10.1163/1569206X-00001808>.
- BLANC, E. 2019. *Red State Revolt: The Teachers' Strike Wave and Working-Class Politics*. London: Verso.
- BLANC, E. 2020. "The Teachers' "Red for Ed" Movement is Far from Dead." *Jacobin*. <https://jacobin.com/2020/10/red-for-ed-movement-teachers-unions-covid-19>.
- BROOKS, C. 2018. After the Wave. *Jacobin*. <https://jacobin.com/2018/05/teachers-strikes-collective-bargaining-unions-militant>.
- BURBIO. 2023. *Burbio's K-12 School Opening Tracker*. Retrieved from <https://about.burbio.com/school-opening-tracker>.
- CARRILLO, J. F. 2023. "Teachers are Fighting Back: Latinx Educators and #RedforEd in Historically Red States." *Journal of Latinos and Education* 22 (3): 1281-1293. <https://doi.org/10.1080/15348431.2021.1944865>.
- CENTER ON BUDGET AND POLICY PRIORITIES, U.S. 2019. Center on Budget and Policy Priorities. United States.
- COMMON CAUSE AND THE PEOPLE FOR THE AMERICAN WAY FOUNDATION. 2013. https://www.commoncause.org/wpcontent/uploads/2019/08/ALEC_In_Arizona_2013.pdf.
- CORBIN, Juliet, and Anselm Strauss. 2008. *Basics of Qualitative Research. Techniques and Procedures for Developing Grounded Theory*. 3rd ed. Thousand Oaks: Sage.
- DELEUZE, G. 1992. Postscript on Societies of Control. October, 59, Winter, pp. 3-7.
- DEPARTMENT OF LABOR. 2020. *Families First Coronavirus Response Act: Employee Paid Leave Rights*. Retrieved from <https://www.dol.gov/agencies/whd/pandemic/ffcra-employee-paid-leave>.
- DYKE, Erin, and Brendan Muckian-Bates. 2023. *Rank-and-file Rebels: Theories of Power and Change in the 2018 Education Strikes*. The WAC Clearinghouse.
- DYKE, Erin, and Brendan Muckian Bates. 2019. "Educators Striking for a Better World: The Significance of Social Movement and Solidarity Unionisms." *Berkeley Review of Education* 9: 1. <https://doi.org/10.5070/B89146423>.
- FANTASIA, R. 1989. *Cultures of Solidarity: Consciousness, Action, and Contemporary American Workers*. University of California Press.
- FARMER, P. 1999. *Infections and Inequalities*. Berkeley: University of California Press.
- FRIEDMAN, Ellen David. 2018. What's Behind the Teachers' Strikes. What's Behind the Teachers' Strikes I Dollars & Sense. <https://www.dollarsandsense.org/archives/2018/05/18edfriedman.html>.

- GILL, L. 2009. "The Limits of Solidarity: Labor and Transnational Organizing Against Coca-Cola." *American Ethnologist* 36 (4): 667-680. <https://doi.org/10.1111/j.1548-1425.2009.01202.x>.
- HITCHCOCK, P. 1999. *Oscillate Wildly*. University of Minnesota Press.
- HYMAN, R. 1989. *The Political Economy of Industrial Relations: Theory and Practice in a Cold Climate*. Basingstoke: Macmillan.
- KARVELIS, N. 2020. "You Need Rank and File to Win: How Arizona Teachers Built a Movement." Rethinking Schools. <https://rethinkingschools.org/articles/you-need-rank-and-file-to-win-how-arizona-teachers-built-a-movement/>.
- MOODY, K. 1997. *Workers in a Lean World: Unions in the International Economy*. Verso. National Council on Teacher Quality (NCTQ). 2021. <https://www.nctq.org/contract-database>.
- RAU, A. 2018. "How much are Arizona Teachers Paid?" *The Arizona Republic*. <https://www.azcentral.com/story/news/local/arizona-education/2018/03/08/arizona-public-school-teachers-elementary-high-school-paid-compared-other-states/407850002/>.
- ROBINSON, R. S. 2014. "Purposive Sampling." In *Encyclopedia of Quality of Life and Well-Being Research*, edited by A. C. Michalos, 5243-5245. Dordrecht: Springer.
- STATISTA RESEARCH DEPARTMENT. 2023. "Real GDP Arizona U.S. 2022." *Statista*. <https://www.statista.com/statistics/187829/gdp-of-the-us-federal-state-of-arizona-since-1997/>.
- TARLAU, R. 2023. "Networked Movements and Bureaucratic Unions: The Structure of the 2018 #RedForEd teachers' Strikes." *ILR Review* 76 (5): 833-863. <https://doi.org/10.1177/00197939231189200>
- WEIS, L., and M. Fine. 2004. *Working Method Research and Social Justice*. New York: Routledge.
- WEIS, L., and M. Fine. 2012. "Critical Bifocality and Circuits of Privilege: Expanding Critical Ethnographic Theory and Design." *Harvard Educational Review* 82 (2): 173-201. <https://doi.org/10.1177/00197939231189200>
- WINKLER, A. M., J. Scull, and D. Zeehandelaar. 2012. *How Strong are U.S. Teacher Unions? A State-by-State Comparison*. Thomas B. Fordham Institute. <https://fordhaminstitute.org/sites/default/files/publication/pdfs/20121029-union-strength-full-report70.pdf>.

Declaração de divulgação

A autora não informou nenhum conflito de interesses em potencial.